

Caminhos sincrônicos e diacrônicos de fraseologismos na tricotomia coseriana: uma proposta

Synchronic and diachronic paths of phraseologies in Coserian trichotomy: a proposal

ROOSEVELT VICENTE FERREIRA

Doutorando do PPGLetras - UFMS

E-mail: roosevf@uol.com.br

ELIZABETE APARECIDA MARQUES

Professora Doutora do PPGLetras - UFMS

E-mail: elizabete.marques@ufms.br

Resumo: Este trabalho propõe novas formas de se visualizarem as consolidações de fraseologismos na visão tripartida da linguagem proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]). Por intermédio de uma revisão bibliográfica das obras de Eugenio Coseriu e um aprofundamento nas conceituações da tricotomia da linguagem, sugerimos novos campos sincrônicos na tríade *parole x norma x sistema* que devem ser acessados por pontos de vistas distintos. O contraste dos momentos sincrônicos possibilitou a implementação de uma trajetória diacrônica para a consolidação dos fraseologismos, tendo como base os campos da tríade linguística coseriana. Assim, sugerimos uma trajetória histórica prospectiva de um fraseologismo desde a sua verbalização inicial no ato concreto da fala até a sua incorporação ao acervo sistêmico da língua, e, também, uma possibilidade de um pequeno caminho retrospectivo. Com esta pesquisa, esperamos colaborar com os estudos dos fraseologismos brasileiros em cenários teórico-linguísticos, principalmente sob a perspectiva da linguística estrutural.

Palavras-chave: Fraseologia. Norma. Sincronia. Diacronia.

Abstract: This work proposes new ways of visualizing the consolidations of phraseologies in the tripartite view of language proposed by Coseriu (1959, 1967 [1962]). Through a bibliographic review of Eugenio Coseriu's works and a deepening of the concepts of the trichotomy of language, we suggest new synchronic fields in the triad *parole x norm x system* that should be approached from different points of view. The contrast of the synchronic moments made it possible to implement a diachronic trajectory for the phraseologies consolidation based on the fields of the Coserian linguistic triad. Thus, we suggest a prospective historical trajectory of phraseology, since its initial verbalization in the concrete act of speech until its incorporation into the systemic collection of the language, and a possibility of a short retrospective path. With this research, we hope to collaborate with the studies of Brazilian phraseologies in theoretical-linguistic scenarios, mainly from the perspective of structural linguistics.

Keywords: Phraseology. Norm. Synchrony. Diachrony.

1 INTRODUÇÃO

Os pressupostos fraseológicos sistematizados por Bally (1909) ganharam terreno ao longo do século XX. Que pese os desacertos teóricos e metodológicos dos estudos em vários países, podemos afirmar que, neste século, os saberes investigados a respeito do universo pluriverbal atingiram uma sólida visão acerca do comportamento das unidades fraseológicas. Em termos gerais, observamos que, à sombra do aspecto formal, os estudos buscam o entendimento dos fenômenos de restrição combinatória léxica ou sintática, suas possibilidades e impossibilidades e os motivos de se apresentarem muitas vezes mais desejáveis. No domínio da significação, as pesquisas de cunho léxico-semântico recaem sobre o fenômeno da integração total ou parcial, ou da não integração, dos significados dos elementos formantes da estrutura. Já no aspecto discursivo-pragmático, o alvo das pesquisas são as unidades léxicas complexas que constituem atos de fala por si mesmas e funcionam como enunciados com características de texto (provérbios, ditos populares, etc.).

Em nosso país, esses fenômenos fraseológicos são estudados em maior grau sob a perspectiva sincrônica, cuja fundamentação teórica produzida embasa a descrição, a comparação e a classificação das unidades pluriverbais em uma perspectiva diferencial, com o objetivo maior de aplicação nos processos de tradução, lexicográficos e nas metodologias de ensino, e, em menor grau, sob o panorama diacrônico, o caminho histórico das unidades fraseológicas e as concepções pluriverbais frente às teorias linguísticas.

Diante desse fato, este trabalho, por meio de uma revisão bibliográfica, aprofunda os olhares conceituais da tricotomia da linguagem coseriana *parole x norma x sistema* e propõe uma percepção sincrônica e diacrônica da consolidação das unidades fraseológicas, em uma determinada comunidade linguística.

2 VISÃO DUALISTA DE SAUSSURE

As fundamentações linguísticas estruturais propostas por Saussure (2012 [1916]) formam a base da linguística como ciência contemporânea. A partir de seus postulados, inúmeros outros conceitos foram produzidos, mas sempre em função de defender, complementar ou refutar as posições marcantes do mestre genebrino, principalmente nas análises da dicotomia *língua x fala*.

Para o linguista genebrino, a linguagem é constituída de dois aspectos essenciais e correlativos, a *langue* (língua) e a *parole* (fala ou ato linguístico). A primeira se apresenta como um “sistema de signos”, elementos esses que se relacionam organizadamente dentro de um todo, posicionando-se linearmente e associando-se por oposição, concebendo uma ligação arbitrária de um conceito com uma imagem acústica. Para Saussure (2012 [1916], p. 128), “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”.

Por sua vez, a fala recebe um papel dialógico para com a língua na formação da linguagem. Afirma Saussure (2012 [1916], p. 51-52) que é a fala, de caráter psicofísico, que faz com que a língua evolua e se estabeleça, vindo historicamente sempre antes desta. “Nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e

momentâneas”. Assim, a língua é totalmente interdependente da fala, onde se realiza e se transforma coletivamente, sendo ao mesmo tempo instrumento e produto. Com essas premissas, a dicotomia saussuriana *langue x parole* estabelece oposições entre os aspectos social e individual e abstrato e concreto da linguagem.

A posição dos fraseologismos¹ na concepção linguística dicotômica *parole x langue* é bem definida por Saussure (2012 [1916]). Para o autor, nosso falar é formado minimamente por signos isolados e quase que exclusivamente por grupos de signos que formam próprios signos. Para Saussure (2012 [1916], p. 173), na língua existem inúmeras expressões denominadas de frases feitas, cujas estruturas “o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas”. Ressalta o linguista que não basta considerar a relação que une entre si as diversas partes de um sintagma, mas sim levar em conta a vinculação do todo com as diversas partes. Dessa forma, o mestre genebrino caracteriza a frase regular como um sintagma livre que pertence à fala (*parole*), e as frases feitas (é importante aqui percebermos a forte vinculação do todo com as partes) se posicionam no campo da língua (*langue*). Para o autor, devemos atribuir à língua, e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares e que foram registrados em número suficientemente grande.

3 TRICOTOMIA COSERIANA

Distintas percepções em relação à dicotomia saussuriana *langue x parole* foram apresentadas no universo linguístico no decorrer do século XX. Dentre elas, Coseriu (1959) que, partindo da premissa que Saussure concebe três conceitos de língua (acervo linguístico, que consubstancia o patrimônio de formas linguísticas acumulado na consciência dos indivíduos falantes; instituição social, um sistema comum do falar de variados indivíduos pertencentes a uma comunidade; e sistema funcional de diferenças e oposições significativas), contra-argumenta que na visão da língua como instituição social não se pode opor nitidamente o aspecto social ao aspecto individual, tendo em vista que o indivíduo não pode se contrapor à sociedade em que vive. Ressalta, também, que o aspecto social se manifesta no próprio falar concreto e nos atos linguísticos do indivíduo.

Em relação à visão funcional, o linguista destaca que não se pode confrontar o aspecto individual e concreto ao aspecto formal, visto que no próprio falar do indivíduo atuam também estruturas formais. Para Coseriu (1959), nem tudo que é normal, social e constante (instituição social) é funcional (sistema funcional), ou seja, há pressupostos que não coincidem na visão social e na visão funcional.

Questiona Coseriu (1959, p. 17): como podemos atribuir à *parole*, entendida como linguagem concreta, fenômenos normais e constantes numa língua e não só no falar concreto deste ou daquele indivíduo? Com essa indagação, o autor quer mostrar

¹ Adotamos o termo “fraseologismo” para as estruturas polilexicais que se aproximam de um unidade conceitual (locuções) e enunciados fraseológicos, como os provérbios, rifões e ditos populares. As solidariedades léxicas (colocações), em princípio, não fazem parte do universo por nós vislumbrado.

que, se as consolidações (atualização e realização) sociais do ato linguístico acontecem no campo da *parole* ou no campo da *langue*, a visão dicotômica de Saussure, nos pontos de vista social e funcional, fica prejudicada. A esse respeito, Brøndal (1932 *apud* COSERIU, 1959, p. 19), já havia asseverado que:

[...] resulta evidente que, permanecendo por ora sobre o terreno saussuriano, ou é necessário admitir que a *langue* não é só sistema funcional, mas actualização normal, ou se apresenta então como imprescindível a necessidade de encontrar para elas um terceiro campo, por exemplo aquele que certos estudiosos têm identificado vagamente com o chamado *uso linguístico*, que deveria ser qualquer coisa como uma norma intermédia e secundária permitida pelo sistema abstracto, a situar precisamente entre o sistema propriamente dito e a *parole*.

Como solução para o imbróglio, Coseriu (1959) aponta a necessidade de substituir a concepção dualista de Saussure, *langue* x *parole*, propondo a inclusão de um campo intermediário (*norma*) e a substituição de língua (*langue*) por *sistema*, argumentando que o conceito de língua é histórico, enquanto o de *sistema* e *norma* são conceitos estruturais e, portanto, sincrônicos.

Para Coseriu (1959), os conceitos de *norma* e *sistema* não são aplicados ao falar concreto e menos ainda às realidades autônomas destacadas da fala, mas sim nas formas que se manifestam e são distinguidas nos próprios atos linguísticos individuais. Enfatiza o linguista que as formas do falar concreto sofrem abstrações sucessivas, confrontando os atos linguísticos concretos com um falar anterior inserido mediante um outro processo de abstração no sistema que o autor denomina de isoglossas².

Nesse caminho, Coseriu (1959, p. 26) conclui que o *sistema* é um complexo de liberdades mais que imposições, e a *norma* “pode considerar-se como um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e depende da extensão e da índole da comunidade considerada”. O conceito de *norma*, de acordo com o linguista, é visualizado por dupla abstração: eliminação dos atos linguísticos subjetivos e originais e uma norma geral e única para uma comunidade mais ou menos vasta.

Em relação aos fraseologismos, Coseriu (1967 [1962]) os posiciona na tricotomia diferenciando as estruturas sintáticas em frases regulares e frases fixas e defendendo que as últimas pertencem à *norma* por serem realizações tradicionais ou esquemas sintáticos permitidos pelo *sistema*. No entanto, salienta que algumas realizações podem ser “normais” em uma língua e serem “anormais” em outras, adquirindo a normalidade somente sob uma determinada convenção estilística.

Na obra posterior, Coseriu (1977, p. 113, tradução nossa) atualiza a sua visão em relação às combinações léxicas, destacando que, dentro da sincronia, é preciso diferenciar a “técnica do discurso” do “discurso repetido”. A primeira engloba as unidades léxicas e gramaticais e as regras para as modificações e as combinações nas

² De acordo com Coseriu (1951 [1986], p. 17), o sistema de isoglossas define o conjunto de atos linguísticos de uma comunidade de indivíduos falantes.

orações, e o “discurso repetido” “compreende tudo o que tradicionalmente está fixado como “expressão”, “giro”, “modismo”, “frase” ou “locução”, cujos elementos constitutivos não são substituíveis ou recombináveis segundo as regras atuais da língua”³. Para o linguista, esse tipo de discurso pode conter elementos incompreensíveis no ponto de vista da técnica livre e são resquícios de estados da língua ultrapassados que sobreviveram diacronicamente na sincronia.

Em resumo, na visão de Coseriu os fraseologismos são estruturas fixas que são repetidas diacronicamente até que se estabeleçam como um modelo no *sistema*, sob uma visão sincrônica e, dessa forma, estacionam-se no campo *norma* como um regramento social em uma determinada comunidade linguística. No entanto, mesmo com esse posicionamento categórico a respeito do “discurso repetido” na percepção tricotômica, muitas outras visões foram concebidas sobre a vinculação dos fraseologismos aos campos propostos, ao longo dos estudos das combinações léxicas.

Na investigação das fraseologias das línguas românicas, Thun (1978 *apud* CORPAS PASTOR, 1996, p. 38-41) considera como unidades fraseológicas do *sistema* as que não são percebidas pelo significado categorial e pelos elementos integrantes. Para o linguista, as estruturas da *fala* compreendem os rifões, provérbios, ditos populares etc., e as colocações são fixadas apenas no campo da *norma*, constituindo, sob o ponto de vista do *sistema*, sintagmas completamente livres. Enfatiza o teórico que as unidades fraseológicas do *sistema* são ao mesmo tempo da *norma*, e que as da *norma* são ao mesmo tempo da *fala*.

Já Zuluaga (1980) defende que as unidades fraseológicas são unidades de *língua*, porque são elementos conhecidos antes do ato de *fala* onde são empregadas e atualizadas, entretanto a estrutura interna das unidades revela características de produtos da *fala* e a fixação empresta o status de elementos da *língua*. Por sua vez, partindo do conceito de enunciado como unidade mínima de comunicação, Corpas Pastor (1996) define as estruturas que não correspondem a um enunciado completo em unidades do *sistema*, no caso as locuções, e as fixadas na *norma* aquelas que, sob o ponto de vista do *sistema*, são combinadas a partir de regras de fixação determinadas pelo uso. Em contrapartida, os enunciados completos são fixados na *fala* e são os que concebem os enunciados fraseológicos. Nesse caminho, Ruiz Gurillo (1997) adota a percepção coseriana, e Santamaría Perez (2000) argumenta que as unidades fraseológicas fazem parte do uso comum, pertencendo, dessa forma, à *norma*.

Diante disso, podemos perceber que, sob um olhar sincrônico, alguns teóricos vislumbram, de forma geral, as unidades na *norma*, e outros as colocam ora em um campo, ora em outro ou as classificam conforme o nível fixacional: colocações, na *norma*, locuções, no *sistema*, e provérbios ou enunciados, na *fala*.

³ [...] abarca todo lo que tradicionalmente está fijado como “expresión”, “giro”, “modismo”, “frase” o “locución” y cuyos elementos constitutivos no son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua.

4 PROPOSTA SINCRÔNICA

Da observação das premissas disponibilizadas nas obras de Coseriu (1951, 1959, 1962, 1977), podemos apontar algumas considerações importantes para argumentar a nossa proposta de um novo olhar sincrônico: (i) o “discurso repetido” é historicamente construído ao longo de momentos sincrônicos, dessa forma necessita de um espaço diacrônico para que aconteçam as “repetições”; (ii) a aplicação dos conceitos de *norma* e *sistema* só são possíveis sob um olhar sincrônico e são percebidos nos atos linguísticos individuais, no interior de uma determinada comunidade linguística; (iii) a dupla abstração do conceito de *norma* consolida a existência de atos linguísticos subjetivos e originais e dos que fazem parte do regramento social em um grupo linguístico específico.

Das considerações (i) e (ii), postulamos que, na visão de Coseriu (1977), os fraseologismos dependem de repetições, no seio de uma comunidade linguística, para que se transformem em blocos de discurso homologados pelo *sistema/norma*. Questionamos então: em que campo da tríade coseriana acontecem as repetições antes da cristalização no *sistema* e a adoção como *norma*? Com essa indagação, vislumbramos que precisamos de um campo para posicionarmos as “repetições” que ainda não alcançaram o acervo do *sistema*.

É possível construir uma proposição através de duas concepções de Coseriu, demandadas em obras distintas:

Com efeito, o registro de actos linguísticos novos e ainda não generalizados (“erróneos”, do ponto de vista da norma em vigor num dado momento) permite-nos verificar, num determinado tempo, se foram impostos como novas normas ou, melhor ainda, quais desses atos foram impostos e quais, por outro lado, foram rejeitados pelo “uso”, ou seja, nos permite surpreender em certa medida o futuro da língua⁴ (COSERIU, 1951, p. 83-84, tradução nossa).

Nessas colocações, que antecederam a fundamentação da tríade, Coseriu (1951 [1986]) já adverte que alguns atos linguísticos impostos ao uso podem ser rejeitados socialmente e, dessa forma, não adotados pela *língua*. Por sua vez, em Coseriu (1967 [1962], p. 69, tradução nossa) os elementos não acervados pelo *sistema* são também classificados na *norma*, desconfigurando o que prega a segunda abstração:

Mas onde devem ser colocados na linguagem aqueles elementos normais e constantes em uma língua e, no entanto, “não pertinentes” do ponto de vista funcional,

⁴ En efecto, el registrar actos lingüísticos nuevos y todavía no generalizados (“erróneos”, desde el punto de vista de la norma vigente en un momento dado) nos permite comprobar, dentro de cierto tiempo, si se han impuesto como nuevas normas o, mejor, cuáles de esos actos se han impuesto y cuáles, en cambio, han sido rechazados por el “uso”, es decir que nos permite sorprender en alguna medida el devenir de la lengua.

uma vez que não podem ser classificados no sistema? Bem, precisamente, naquela outra abstração, anterior ao sistema, que chamamos de norma⁵.

Se levamos em consideração a posição sincrônica de Coseriu (1967 [1962], p. 69, tradução nossa) que impõe que os fraseologismos “representam realizações tradicionais de esquemas contidos no sistema mesmo, ou seja, são atos de norma”⁶, ousamos então afirmar que, em uma visão diacrônica, as “repetições” são processos transitórios de homologação de estruturas funcionais que acontecem no campo da *norma*, não como um regramento social, mas de forma transitória esperando a validação social para a aceitação como modelo no *sistema*.

Diante disso, propomos, sob o ponto de vista da *norma* e sob uma percepção diacrônica, que os fraseologismos podem ser classificados como pertencentes à *norma transitória* ou à *norma social*. Na primeira estão as estruturas “em teste” aguardando a aceitação social e na segunda as que já foram inventariadas no *sistema* e ganharam o *status* de norma geral na comunidade linguística pertinente.

Por extensão, se deslocamos o nosso ponto de vista para o *sistema*, um fraseologismo verbalizado pode estar acervado no *sistema* da comunidade linguística, sendo dessa forma convencionalizado e funcional ou ainda não ter sido homologado, sendo assim, não convencionalizado ou afuncional.

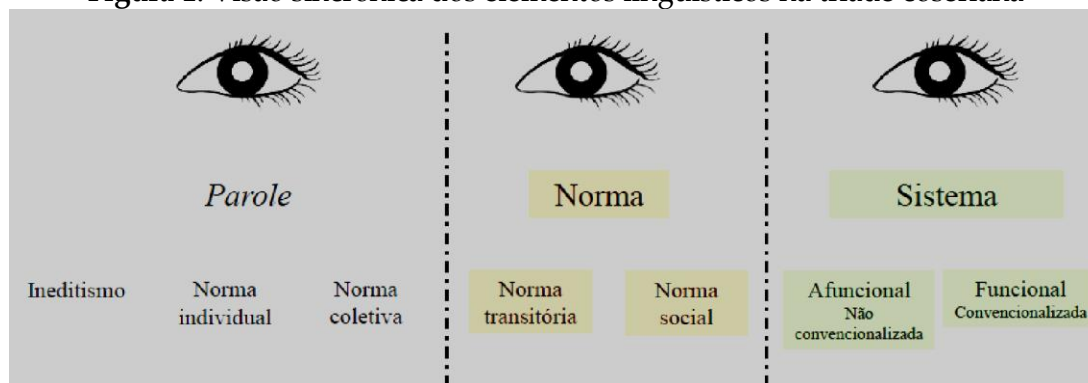
Os postulados em (iii) proporcionam-nos a possibilidade de movermos o ponto de vista para a *parole* e visualizarmos que um fraseologismo verbalizado num ato linguístico individual pode ser uma estrutura inédita, fruto da criatividade ou empréstimo, ser uma norma individual do falante ou já pertencente a uma norma coletiva.

Em resumo, as reflexões sobre a dupla abstração da *norma* concebida por Coseriu (1959, 1967 [1962]) e o papel sincrônico dos campos da *norma* e *sistema*, dão-nos a possibilidade de inferir que os enunciados linguísticos manifestados no campo concreto participam de construções mentais diferenciadas conforme o posicionamento do ponto de vista nos domínios da tríade coseriana. Assim, sob o ponto de vista da *parole*, percebemos as realizações classificadas como *ineditismo linguístico*, *norma individual* e *norma coletiva*. Sob a ótica da *norma*, podemos vislumbrar a *norma transitória* e a *norma social* sistematizada funcionalmente, e, finalmente, sob o panorama do *sistema*, apontamos as unidades que são convencionalizadas ou não, ou funcionais ou afuncionais. Sintetizamos essa percepção na Figura 1.

⁵ Pero ¿dónde hay que colocar en el lenguaje esos elementos normales y constantes en una lengua y, sin embargo, “no-pertinentes” desde el punto de vista funcional, dado que no pueden clasificarse en el sistema? Pues, justamente, en aquella otra abstracción, anterior al sistema, a la que hemos llamado *norma*.

⁶ [...] representan realizaciones tradicionales de esquemas contenidos en el sistema mismo, es decir, que son hechos de norma.

Figura 1: Visão sincrônica dos elementos linguísticos na tríade coseriana



Fonte: elaboração dos autores.

Essas novas percepções acontecem pelo deslocamento de pontos de vista, o qual percorre sincronicamente as abstrações da norma proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]). Na primeira fotografia sincrônica, sob o ponto de vista da *parole*, o fraseologismo verbalizado no ato concreto da fala pode ser classificado como *inédito* ou pertencente à *norma individual* ou à *norma coletiva*. O *ineditismo* fraseológico pode ser fruto de uma criação momentânea do indivíduo ou uma repetição de uma construção linguística ouvida em outro grupo linguístico e até mesmo uma tradução de uma outra língua. Para a observação do *ineditismo*, é preciso levar em consideração a perspectiva do grupo social onde o ato concreto é realizado. A estrutura pode ser inédita em um grupo e já ser uma *norma coletiva* em outro.

A *norma individual* abarca os fraseologismos que integram o acervo linguístico de um falante. Essas unidades podem ser repetidas por outros falantes no mesmo grupo ou em outros, a partir de uma chamada introdutória: “como diz ou dizia fulano de tal...”. Já os fraseologismos entendidos como pertencentes à *norma coletiva*, são construções que, sob o panorama da *parole*, são internalizadas por uma comunidade linguística, integrando um *sistema* próprio que pode ou não estar convencionalizado no *sistema* da língua. Esses grupos podem ser famílias, grupos profissionais e até mesmo grupos de lazer. Esses pressupostos nos permitem inferir que, sob o prisma da *parole*, o ângulo social recai nos pequenos ou subgrupos que formam uma comunidade linguística plena. Essa ideia corrobora o que preza Coseriu (1959) ao postular que a norma é variável segundo os limites da comunidade considerada, limites que se estabelecem convencionalmente.

Ao movimentarmos o ponto de vista para a *norma*, a ótica social se desloca para a comunidade linguística detentora da *langue*. Sob esse aspecto, propomos um campo transitório onde os fraseologismos pertencentes aos subgrupos sociais e os que estão sendo “repetidos” aguardam a homologação pelo *sistema funcional*, e o domínio da *norma social* que abrange as estruturas utilizadas como um regimento pelo *sistema*, caracterizando a segunda abstração da *norma* proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]).

Finalmente, sob a ótica do *sistema*, no ato concreto da fala podem ser formulados fraseologismos que já estão convencionalizados no acervo institucional e funcional e, também, aqueles que ainda não foram admitidos como estrutura da língua, e desse modo, não convencionalizados sob a ótica sincrônica. Os primeiros, normalmente, são

dicionarizados como parte do acervo linguístico geral de uma comunidade linguística, e os demais se apresentam como variantes regionais ou em processo de consolidação no acervo sistêmico.

5 PROPOSTA DIACRÔNICA

Com a implementação dos olhares sincrônicos da consolidação de fraseologismos na tricotomia coseriana, passamos a construir, por meio de contrastes sincrônicos, um caminho diacrônico das combinações léxicas fraseológicas na concepção tricotômica coseriana.

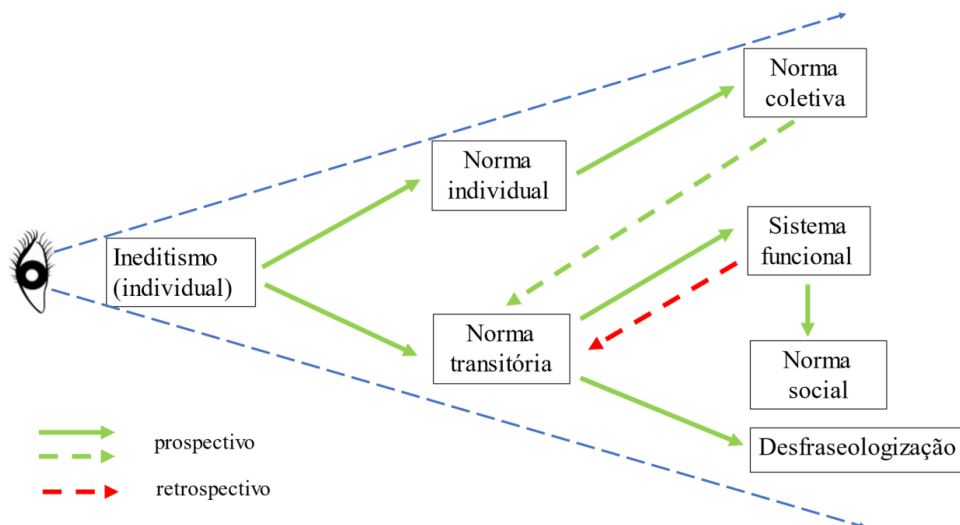
Numa primeira visão histórica, o fraseologismo nasce ou aparece⁷ no ato concreto da fala (*parole*) de forma individual proveniente de uma construção particular de um indivíduo ou por empréstimo de um outro grupo social. A estrutura pode seguir dois caminhos distintos: consolidar-se como uma *norma individual* e posteriormente à *norma coletiva*, que pode ou não se transferir para a *norma transitória* para o processo “das repetições” e homologações pelo grupo social. Caso a expressão seja aceita pelo grupo como uma estrutura funcional, será integrada ao *sistema funcional* da coletividade linguística geral.

A outra trajetória concebe, de forma prospectiva, a formulação inédita de um fraseologismo no ato da fala, a sua passagem para o campo da *norma transitória*, onde, após o processo de homologação social, pode ser rejeitado pelo uso coletivo e consequentemente desfraseologizado, ou ser acatado pelo *sistema* como um modelo convencionalizado, podendo, dessa forma, integrar o campo da *norma social* como uso normativo.

Também é possível antever, sob um olhar diacrônico retrospectivo, a possibilidade dos fraseologismos, já consolidados e convencionados no *sistema* de uma determinada comunidade linguística, retrocederem para o campo da *norma transitória* através de um novo ato linguístico concreto, e assim novamente passarem pelo crivo da *norma* para mudanças nas características de fixação e de idiomaticidade, podendo haver um fortalecimento ou um enfraquecimento dessas características, até mesmo ao ponto da desfraseologização, respeitando, assim, o *continuum* que caracteriza as unidades fraseológicas. Essa dinâmica ocorre independentemente nos aspectos que caracterizam uma unidade fraseológica, ou seja, sintaticamente um fraseologismo pode estar no *sistema*, porém, no aspecto semântico pode estar ainda sendo homologado pela *norma transitória*. Esquematizamos a proposta diacrônica na Figura 2.

⁷ Não é objetivo destas reflexões a análise das motivações etimológicas dos fraseologismos.

Figura 2: Caminhos diacrônicos dos fraseologismos na tricotomia coseriana



Fonte: elaboração dos autores.

6 CONCLUSÃO

Com o objetivo de colaborar com estudos das combinações léxicas classificadas no universo fraseológico, tendo como fundo a perspectiva estrutural, neste trabalho buscamos, por meio de um aprofundamento nas conceituações da tricotomia coseriana, a construção de uma proposta de novas formas de se visualizar as consolidações de fraseologismos na visão tripartida da linguagem proposta por Coseriu (1959, 1967 [1962]).

Construímos novos momentos sincrônicos que devem ser acessados por pontos de vistas distintos, conforme os campos da tríade *parole x norma x sistema*. As fotografias sincrônicas sugeridas trazem novas posições linguísticas na tricotomia para o posicionamento de um fraseologismo verbalizado por um falante em um contexto social-linguístico determinado. Os contrastes dos momentos sincrônicos possibilitaram a implementação de uma trajetória diacrônica para a consolidação de um fraseologismo tendo como base os campos da tríade linguística coseriana.

Nesse íterim, esperamos ter conseguido implementar reflexões teórica-linguísticas a respeito da consolidação dos fraseologismos em uma comunidade linguística, qualquer que seja a sua amplitude considerada. Seguramente a construção de um *corpus* representativo poderá confirmar a existência dos fraseologismos nas competências individuais, familiares e em grupos sociais diversos, bem como o caminho histórico proposto. Esse desafio se mostra necessário e justifica o prosseguimento de estudos futuros acerca do tema.

REFERÊNCIAS

BALLY, Charles. **Traité de Stylistique Française**. v. 1, 5. ed. Genève: Librairie de l'Université George & Cie S. A., 1970 [1909].

BRØNDAL, Viggo. **Morfologi og syntax**. Nye Bidrag til Sprogets Theori. Copenhagen, 1932.

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. **Introducción a la lingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 1986 [1951].

COSERIU, Eugenio. **Sistema, norma e fala**. Comunicação enviada ao VIº Congresso Internacional de Linguistas. Coimbra: Livraria Almedina, 1959.

COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Editorial Gredos, 1967 [1962].

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. Versión española de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

RUIZ GURILLO, Leonor. **Aspectos de fraseología teórica española**. València: Universitat de València, 1997.

SANTAMARÍA PEREZ, María Isabel. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. 2000. 388 f. Tesis (Doctorado en Filosofía y Letras) – Universidad de Alicante. Departamento de Filología Española. Alicante, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].

THUN, Harald. **Probleme der phraseologie**. Untersuchungen zur wiederholten Redemit Beispielen aus den Französischen, Italienischen, Spansischen und Rumänischen. Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie 168. Tübingen, Max Niemeyer, 1978.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las unidades fijas**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1980.